

A HERESIA DE ÊUTIQUES E NESTÓRIO EM BOÉCIO

Mauri Alves Monteiro (UFJF)

mauriam@superig.com.br

Luís Carlos Lima Carpinetti (UFJF)

luccarpinetti@oi.com.br

RESUMO

Boécio que viveu entre 480 e 525 d.C. escreveu um tratado no qual ele aborda a tese ortodoxa da coexistência em Cristo de duas naturezas em uma só pessoa, ao combater a heresia dos heresiarcas Êtíques (378 a 456 d. C.) e Nestório (386 a 450d.C.). Êtíques proclamava que existisse em Cristo duas naturezas e uma pessoa que é o monofisismo. Nestório foi acusado de dividir Cristo ao afirmar dois Cristos e dois Filhos, isto é o homem e o Deus. Neste trabalho, demonstraremos a pertinência de estruturas sintáticas da língua latina para expressar os conteúdos do pensamento e da confissão herética e o aparecimento, no texto de Boécio, dos *uerba dicendi* e *uerba sentiendi* aos quais se dão como complementos orações infinitivas, particularmente no capítulo V do *Contra Eutychen et Nestorium*.

Palavras-chave: Heresia. Dupla pessoa. Unidade. Natureza.

1. Introdução

Valendo-nos do acervo enciclopédico encontrado na Larrousse, procuramos identificar os personagens históricos assim denominados por Boécio (*Anicius Manlius Severinus Boëthius*, comumente chamado Boécio (480-525 d. C), era um filósofo do começo do VI século. Ele era também um cristão. Vindo de família patricia, Boécio obteve mesmo o cargo de cônsul em 510 d. C.

Êtíques, heresiarca do V século, arquiandrita de um monastério vizinho de Constantinopla. Êtíques, depois de ter combatido a heresia de Nestório, caiu no erro oposto. Deposto em 448, foi reabilitado pelo sínodo de Éfeso, mas o concílio ecumênico de Calcedônia (451), conde-

nou-o definitivamente. O imperador Marciano o exilou no Egito, onde morreu.

Êutiques, (Εὐτυχῆς; 380 a 456 d.C.), ao contrário de Nestório (Νεστόριος; 386 a 450 d.C.), negava a unidade da pessoa de Jesus, ele afirmava que havia na pessoa do Salvador uma só natureza, a natureza humana, uma vez tendo sido absorvida pela natureza divina, depois da união. Esta doutrina, refutada por uma carta do Papa São Leão à Flaviano de Constantinopla, foi condenada no concílio de Calcedônea, que aprovou a carta do Papa. Todavia, a definição do concílio não bastou para restabelecer a paz. O monofisismo ou doutrina da unidade da natureza, se espalhou rapidamente no Egito e no Patriarcado de Antioquia. A autoridade imperial tentou primeiramente lutar contra ele, houve exílios, execuções capitais e motins. Finalmente Zenão, para restabelecer a ordem promulgou um édito de união ou henótico que só serviu para atizar as controvérsias. Acácio de Constantinopla, submetendo-se ao henótico, rompeu a comunhão com Roma e o cisma perdurou até 519. Os imperadores Justino e, depois, Justiniano foram ortodoxos, mas este último deixou levantar-se a questão dos três capítulos que envenenou as querelas. Depois que os três capítulos tivessem sido condenados em Constantinopla (553), nada mudou na situação. Todavia, o monofisismo atenuou-se pouco a pouco e foi substituído nas preocupações do VII século pelo monoteísmo.

Nestório, patriarca de Constantinopla e heresiarca, nascido em Germanícia, na Síria, por volta de 386 e morto na Líbia, por volta de 450. Discípulo de Teodoro de Mopsuéstia, entrou primeiramente no convento de Santo Eprépio, perto de Antioquia. Teodósio II o nomeou patriarca de Constantinopla em 428. Ele se notabilizou primeiramente pela sua violência contra os arianos (heresia de Ário), mas logo foi visto sustentar que há em Jesus duas pessoas, tanto quanto duas naturezas. Depois da condenação da sua doutrina, o imperador, primeiramente favorável a Nestório, acabou por consentir em sua deposição e o exilou num oásis no deserto da Líbia (435). Aos olhos de Nestório, Jesus Cristo era apenas um homem no qual o verbo de Deus tinha residido como num templo. Ele lhe dava, em consequência, não o título de homem-Deus, mas o de teóforo (θεόφορος = o que leva a inspiração do sopro divino; o portador de Deus, ou inspirado por um deus). E distinguia nele duas pessoas: uma divina e outra humana. A virgem Maria, tendo sido mãe da humanidade e não da divindade, devia ser chamada não mãe de Deus, mas simplesmente mãe do Cristo. Essa doutrina foi condenada pelo concílio de Éfeso

(431). O concílio definiu que as duas naturezas, humana e divina, eram, em Jesus Cristo, unidas hipostaticamente, quer dizer de maneira a constituir apenas uma só pessoa, que reunia nela os atributos da divindade e da humanidade. A Virgem Maria, ainda que mãe do homem, tinha realmente o direito de ser chamada mãe de Deus, sendo mãe de uma pessoa divina. A maior parte dos nestorianos perseverou em sua doutrina e retirou-se em Edessa. Eles encontraram ali proteção do bispo Rábulas e em seu sucessor Ibas. Mas em 489, um édito de Zenão ordenou o fechamento da escola de Edessa. Desde então, o nestorianismo teve que se refugiar na Pérsia, onde o bispo de Nísibe, Barsumas, o protegeu, com apoio do rei Balash. Em 498, os bispos nestorianos da Pérsia se reuniam em Selúcia e constituíam uma igreja independente, sob a supremacia de um patriarca que tomou o título de καθολικός (Katholikos = universal). Na Idade Média, os nestorianos se espalharam até a China e exerceram uma grande influência na corte dos Mongóis. Eles subsistem no Irã e na Pérsia.

A heresia: interpretação religiosa condenada pela igreja católica, por extensão, opinião oposta às ideias ou opiniões admitidas como válidas. Os teólogos definem a heresia como um erro voluntário ou teimoso, oposto a um dogma revelado e ensinado pela igreja. No sistema teológico é doutrina rejeitada e afirmada falsa pela igreja católica; como opinião religiosa, se opõe às ideias admitidas, pois nega, desrespeita ou contraria a doutrina religiosa estabelecida (por um grupo); dito ou ação que é considerada absurda... Assim entendida, a heresia supõe sempre uma revolta contra a autoridade religiosa, ensinada em nome de Deus. Assim, ela é severamente punida pelos cânones eclesiásticos.

Os imperadores cristãos acrescentam penalidades cíveis às penas canônicas. Teodósio, o grande, Honório, Arcádio, Teodósio o jovem, Justiniano puseram a heresia na conta dos crimes. As monarquias cristãs foram mais severas ainda: na Idade Média, a heresia era punida com a morte. Na França, no antigo regime, os legistas punham a heresia na conta dos casos reais, que compreendiam as causas mais graves. Desde a Revolução Francesa, as leis não conhecem mais a heresia.

É herege, quem professa ou sustenta doutrina contrária ao que foi estabelecido pela Igreja como dogma; diz-se de cristão católico, que de forma tenaz, nega ou põe em dúvida verdades da fé católica; ímpio, ateu, incrédulo. Por fim, doutrina contrária a uma verdade de fé adotada pela Igreja Católica, como revelada por Deus.

2. A heresia de Êtíques e Nestório

O presente estudo sobre o texto “*Contra Eutychen et Nestorium*” nos forneceu elementos bastante expressivos de linguagem criativa, emotiva, afetiva e principalmente linguagem inteligente, com apelo e abstrações psíquicas de alto nível.

A reflexão linguística, neste caso específico, consiste em estabelecer a relevância de estruturas verbais, as dependências relacionais entre os termos, subordinação para o que corroboram os termos integrantes da oração (complementos nominal e verbal, agente da passiva), a que se referem, esclarecem e integram a análise encontrada. O escopo desse trabalho compreendeu não apenas leitura e interpretação, tradução e comentário, assinalou estruturas oracionais e as noções que desencadeiam a dependência.

Boécio, em seu discurso, aponta a maneira como Êtíques e Nestório incorrem em opiniões diferentes e até contrárias (como vemos no termo grego (αἵρεσις, -εως = /hairésis/ fazer ou ter a própria escolha, preferência), que no senso comum de seu tempo, era mais especificamente, o que constituía uma contradição ou divergência, em relação ao texto bíblico e em franca colisão com a fé católica; ou simplesmente uma posição ideológica (política) contrária ao poder dominante, que lançando mão de preconceitos religiosos, perpetravam toda sorte de atrocidades em nome da lei, usadas como punição aos hereges.

Para delimitar a parte do texto em que nos pareceu importante a elucidação dos conteúdos, sugerimos o Capítulo V, parág. 385 a 475, da obra citada na bibliografia *Escritos (Opuscula sacra)* de Boécio, onde encontramos grande quantidade de recursos estilísticos usados pelo autor, tais como os *uerba dicendi* ou *declarandi*, que expressam declaração oral ou escrita, confissão, narrativa, informação, e demandam complemento em oração infinitiva, tais como *dico* (digo), *nego* (nego), *affirmo* (afirmo), *respondeo* (respondo), *scribo* (escrevo), *declaro* (declaro), *conclamo* (grito, exclamo), *confiteor* (declarar, manifestar, confessar), *memoriae prodo* (transmito à posteridade), *narro* (conto), *certiorem facio* (informo), *nuntio* (anuncio), *edico* (digo alto em bom som), *doceo* (mostro, indico), *minor* (ameaçar), *promitto* (prometo). Há também os *uerba sentiendi* ou verbos de percepção, opinião, crença tais como *puto* (achar, pensar), *iudico* (julgar), *arbitror* (julgar), *sentio* (sentir, perceber), *audio* (ouvir), *animaduerto* (observar, considerar), *uideo* (ver), *credo* (acredi-

tar), *cogito* (pensar, meditar), *duco* (pensar, achar), *existimo* (estimar), *opino* (opinar), *ignoro* (ignorar).

O texto de Boécio nos relata a heresia de Nestório que podemos assinalar nos seguintes fragmentos de texto, o qual citaremos a partir da edição de Juvenal Savian Filho, conforme obra citada na bibliografia, apenas citando entre parênteses, em cada frase, o parágrafo em que se encontra: “... *Nestorius arbitratur non posse esse naturam duplicem quin persona fieret duplex*” (“...Nestório julga não ser possível haver dupla natureza que não faça dupla também a pessoa...”) (§ 390)

Com o verbo *arbitratur* fica patente o pensamento de Nestório acerca da natureza de Cristo. Já no fragmento abaixo aparece um *verbum dicendi* que expressa sua confissão pública e um *verbum sentiendi* que expressa sua convicção. As duas citações abaixo são mostra deste modelo: “... *atque ideo, cum in Christo naturam duplicem [395] confiteretur, duplicem credidit esse personam*” (“... e como, por esse motivo, confessasse, em Cristo, dupla natureza [395] e cresse que fosse dupla a pessoa”) (§ 395)

“*Itaque Nestorius recte tenens [400] duplicem in Christo esse naturam sacrilege confitetur duas esse personas*” (“...Nestório, portanto, percebendo retamente [400] que há dupla natureza em Cristo, confessa sacrilegamente haver duas pessoas”) (§ 400)

No trecho seguinte, encontramos duas orações infinitivas que complementam os *uerba sentiendi*, os quais aparecem deslocados de seus complementos, mas facilmente identificáveis na construção do texto. Um deles é *putat* e o outro *arbitratur*. Nos dois casos diz respeito ao pensamento de Êtíques e sua concepção da união de Cristo à sua carne, fazendo referência ao fato da encarnação de Cristo no seio de Maria:

Quod si hanc adunationem non putat generatione sed resurrectione factam, rursus id duobus fieri [425] arbitrabitur modis: aut enim genito Christo et non adsumente de Maria corpus aut adsumente ab eadem carnem, usque dum resurgeret quidem, duas fuisse naturas, / post resurrectionem unam factam.

(Se, porém, Êtíques não julga que essa união se tenha feito na geração, mas na ressurreição, [425] então se há de considerar, novamente, de dois modos (133): sendo Cristo gerado de Maria, sem assumir dela um corpo ou assumindo um corpo de sua carne, duas foram suas naturezas até quando ressurgiu, mas, depois da ressurreição, fez-se una a sua natureza.) (§ 425)

A oração infinitiva *ex ea (carnem) traxisse* se encontra sem o acusativo eum (pronome de alteridade do sujeito, retomando a frase anterior) que seria o sujeito da oração infinitiva (acusativo com infinitivo). A frase

a que se relaciona é: “... *natus ex Maria Christus aut ab ea carnem humanam traxit aut minime...*” A frase que citamos abaixo é complemento do *uerbum dicendi confitetur* o qual expressa confissão pública de Êtíques: “*Si non confitetur ex ea traxisse, dicat quo homine indutus aduenrit, utrumne eo qui deciderat praeuaricatione peccati an alio?*” (“Se Êtíques não confessa que Cristo tenha trazido a carne humana de Maria, diga, então, de que homem teria vindo ele revestido; por acaso seria daquele que caíra na prevaricação do pecado ou seria de outro?”) (§430)

Já a heresia de Êtíques se dava como se segue. Temos o verbo *putauit* que expressa o pensamento de Êtíques que se acha desdobrado na oração infinitiva que se segue, conforme o negrito. Temos também um *uerbum dicendi confiteretur* que expressa a sua confissão de fé pública, ainda que herética, como vimos.

...ita quoque Eutyches non putauit naturam duplicem esse sine duplicatione personae et cum non confiteretur duplicem esse personam, arbitratus est consequens, ut una uideretur esse natura

(... Êtíques julgou não haver dupla natureza sem duplicação de pessoa, mas, como não confessasse ser dupla a pessoa, julgou, conseqüente, que parecia haver uma única natureza) (§ 395)

O parágrafo abaixo mostra a crença de Êtíques que novamente vemos se expressar com a utilização de *uerbum sentiendi* e oração infinitiva que se acha em negrito abaixo. Como acredita que há uma só pessoa também acredita hereticamente que há uma só natureza. Por isso como acredita que há diferenças entre a natureza humana e a divina, declara confessar (*uerbum dicendi*) que há em Cristo duas naturezas, como podemos ver no texto em negrito:

Eutyches uero recte credens unam esse personam impie credit unam quoque esse naturam. Qui conuictus euidentiâ rerum, quando quidem manifestum est aliam naturam esse hominis / aliam Dei, ait duas[405] se confiteri in Christo naturas ante adunationem, / unam uero post adunationem.

(Êtíques, por sua vez, crendo retamente que há uma única pessoa, crê impiamente haver também uma única natureza. Convencido pela evidência dos fatos, visto ser manifesto que uma é a natureza do homem, outra, a de Deus, Êtíques diz confessar [405] duas naturezas em Cristo, antes da união, mas apenas uma depois dela.) (§ 400 -5)

Há no parágrafo seguinte uma série de acusativos e participios juntos com *esse*, que formam os infinitivos perfeitos passivos (vide negritos na citação), que semeiam uma longa oração infinitiva no decorrer do trecho. *Putare* é um *uerbum sentiendi* e que se relaciona com o pensamento de Êtíques, que consiste na crença da unidade da pessoa de Je-

sus, depois que a natureza divina absorveu a natureza humana após a união:

Sed si tempore generationis [410] facta est, uidetur putare et ante generationem fuisse humanam carnem non a Maria sumptam sed aliquo modo alio preparatam, Mariam uero uirginem appositam ex qua caro nasceretur / quae ab ea sumpta non esset, illam uero carnem quae antea fuerit esse et diuisam [415] / atque a diuinitatis substantia separatam; cum ex uirgine natus est, adunatum esse deo, ut una uideretur facta esse natura.

(Se se fez no instante da geração, [410] Êtíques parece julgar que já havia, antes da geração, uma carne humana, não tomada de Maria, mas preparada de algum outro modo, enquanto a Virgem Maria teria sido introduzida, aí, apenas para que dela nascesse a carne que não lhe havia sido tomada. A carne que já existia seria distinta e [415] separada da substância da divindade; porém, quando Cristo nasceu da virgem, essa carne uniu-se a Deus, a fim de que parecesse ter sido feita uma natureza una.) (§ 410-415)

No parágrafo seguinte aparece a crença herética de Êtíques de que o corpo de Cristo tenha sido formado fora do mundo, no céu. Os elementos linguísticos a observar são o *uerbum sentiendi crederet* e a oração infinitiva *corpus Christi fuisse formatum...*:

[475] si tamen huius erroris fuit ut crederet non fuisse corpus Christi uere ex homine sed extra atque ad eo in caelo formatum, quoniam cum eo in caelum creditur ascendisse. / Quod exemplum continet tale: “Non ascendit in caelum, nisi qui de caelo descendit”.

(se, de fato, foi próprio de seu erro acreditar que o corpo de Cristo não tenha sido formado verdadeiramente do homem, mas de fora do humano, aliás, no céu, dado que se crê ter ele ascendido para lá, com esse corpo, como se o mostra este texto: “não subiu ao céu a não ser aquele que de lá desceu”.) (§ 475)

3. Conclusão

As estruturas do texto concorrem para construir uma literatura de contestação, com um gênero panfletário. A seriedade do texto, mais que uma *acusatio/defensio*, expõe as ideias, mas sem a autoridade do condenador, apenas Boécio se atém a relatar as crenças e confissões de ambos os heresiarcas. Observamos que Boécio assume um posto de quem observa a distância a enunciação dos discursos, no início da peça retórica. Embora continue assumindo uma postura, ao que parece, serena, diante da sua tarefa de acusação, de discurso heresiológico, Boécio atém-se a questões de ortodoxia, diante da heterodoxia que seria o discurso herético que ele expõe, conforme demonstramos. É preciso lembrar que estilo se faz na estruturação sintática e deste modo, apanhamos no texto farta

exemplificação de *uerba dicendi* e *uerba sentiendi*, ao expor as declarações, confissões públicas, os pensamentos e crenças, de cada um dos heresiarcas.

Boécio comenta em seu discurso, que gostaria de desenredar e refutar, as questões assinaladas por Êutiques e Nestório, uma vez que se transfere da fala para a escrita, as coisas ali afirmadas. Mas, como se encontrava afastado e a grande distância do círculo de cadeiras dos envolvidos na discussão, faz esse comentário ao tecer o discurso de que ora apresentamos alguns fragmentos.

ANEXOS

ANEXO LATINO

V

[385] Transeundum quippe est ad Eutychen qui cum a ueterum orbitis esset euagatus, in contrarium cucurrit errorem asserens tantum abesse, ut in Christo gemina persona credatur, / ut ne naturam quidem in eo duplicem oporteat confiteri; ita quippe esse adsumptum[390] hominem, ut ea sit adunatio facta cum deo,/ut natura humana non manserit. Huius error ex eodem quo Nestorii fonte prolabitur. Nam sicut Nestorius arbitratur non posse esse naturam duplicem quin persona fieret duplex, atque ideo, cum in Christo naturam duplicem [395] confiteretur, duplicem credidit esse personam, ita quoque Eutyches non putauit naturam duplicem esse sine duplicatione personae et cum non confiteretur duplicem esse personam, arbitratus est consequens, ut una uideretur esse natura. Itaque Nestorius recte tenens [400] duplicem in Christo esse naturam sacrilege confitetur duas esse personas; Eutyches uero recte credens unam esse personam impie credit unam quoque esse naturam. Qui conuictus euidencia rerum, quandoquidem manifestum est aliam naturam esse hominis / aliam Dei, ait duas[405] se confiteri in Christo naturas ante adunationem, / unam uero post adunationem. Quae sententia non aperte quod uult eloquitur. Ut tamen eius dementiam perscrutemur, adunatio haec aut tempore generationis [410] facta est aut tempore resurrectionis. Sed si tempore generationis facta est, uideatur putare et ante generationem fuisse humanam carnem non a Maria sumptam sed aliquo modo praeparatam, Mariam uero uirginem appositam ex qua caro nasceretur / quae ab ea sumpta non esset, illam uero carnem quae antea fuerit esse et diuisam [415] / atque a diuinitatis substantia separatam; cum ex uirgine natus est, adunatum esse deo, ut una uideretur facta esse natura. Vel si haec eius sententia non est, illa esse poterit dicentis duas ante adunationem, unam post adunationem, si adunatio generatione perfecta, est ut [420] corpus quidem a Maria sumpserit sed, antequam sumeret, diuersam deitatis humanitatisque fuisse naturam; / sumptam uero unam factam atque in diuinitatis cessione substantiam. Quod si hanc adunationem non putat generatione sed resurrectione factam, rursus id duobus fieri [425] arbitrabitur modis; aut enim genito Christo et non adsumente de Maria corpus aut adsumente ab eadem carnem, usque dum resurgeret quidem, duas fuisse naturas, / post resurrectionem unam

factam. De quibus illud disiunctum nascitur, quod interrogabimus hoc modo: [430] natus ex Maria Christus aut ab ea carnem humanam traxit aut minime. Si non confitetur ex ea traxisse, dicat quo homine indutus aduenerit, / utrumne eo qui deciderat praeuaticatione peccati an alio? Si eo de eius semine ductus est homo, quem uestita diuinitas est? Nam si ex [435] semine Abrahae atque Dauid et postremo Mariae non fuit caro illa qua natus est, ostendat ex cuius hominis sit carne deriuatus, quoniam post primum hominem caro omnis humana ex humana carne deducitur. Sed si quem dixerit hominem a quo generatio Sumpta sit saluatoris praeter[440] Mariam uirginem, et ipse errore confundetur et adscribere mendacii notam summae diuinitati inlusus ipse uidebitur, quando quod Abrahae atque Dauid promittitur in sanctis diuinationibus, ut ex eorum semine toti mundo salus oriatur, aliis distribuit, cum praesertim, si [445] humana caro sumpta est, non ab alio sumi potuerit nisi unde etiam procreabatur. Si igitur a Maria non est sumptum corpus humanum sed a quolibet alio, per Mariam tamen est procreatum quod fuerat praeuaticatione corruptum, superius dicto repellitur argumento. [450] Quod si non eo homine Christus indutus est qui pro peccati poena sustinuerat mortem, illud eueniet ex nullius hominis semine talem potuisse nasci qui fuerit sine originalis poena peccati. Ex /106/ nullo igitur talis sumpta est caro; unde fit ut nouiter uideatur esse formata. Sed haec [455] aut ita hominum uisa est oculis, ut humanum putaretur corpus quod reuera non esset humanum, quippe quod nulli originali subiaceret poenae, aut noua quaedam uera nec poenae peccati subiacens originalis ad tempus hominis natura formata est? Si uerum hominis corpus [460] non fuit, aperte arguitur mentita diuinitas, quae ostenderet hominibus corpus, / quod cum uerum non esset, tum fallerentur ii qui uerum esse arbitraerentur. At si noua ueraque non ex homine sumpta caro formata est, quo tanta tragodia generationis? Ubi ambitus [465] passionis? Ego quippe ne in homine quidem non stulte fieri puto quod inutiliter factum est. Ad quam uero utilitatem facta probabitur tanta humilitas diuinitatis, si homo qui perit generatione ac passione Christi saluatus non est, quoniam negatur adsumptus? Rursus igitur sicut ab [470] eodem Nestorii fonte Eutythis error principium sumpsit, ita ad eundem finem relabitur, ut secundum Eutythen quoque non sit saluatum genus humanum, quoniam negatur adsumptus? Rursus igitur sicut ab eodem Nestorii fonte Eutythis error principium sumpsit, ita ad eundem finem relabitur, ut secundum Eutythen quoque non sit saluatum genus humanum, quoniam non is qui aeger esset et saluatione cura egeret, adsumptus est. Traxisse autem hanc sententiam uidetur,[475] si tamen huius erroris fuit ut crederet non fuisse corpus Christi uere ex homine sed extra atque adeo in caelo formatum, quoniam cum eo in caelum creditur ascendisse. / Quod exemplum continet tale: “Non ascendit in caelum, nisi qui de caelo descendit”.

ANEXO PORTUGUÊS

[385] Deve-se passar, agora, a Êtíques, que, tendo se afastado da órbita dos antigos (130), avançou para o erro oposto, afirmando estar longe de crer que haja duas pessoas em Cristo quanto não convém confessar, nele, dupla natureza. No seu dizer, o homem foi assumido de maneira tal que, [390] para fazer aquela união com Deus, não permanecera a natureza humana. Seu erro decorre da mesma fonte do erro de Nestório, pois, assim como Nestório julga não ser

possível haver dupla natureza que não faça dupla também a pessoa, e como, por esse motivo, confessasse, em Cristo, dupla natureza [395] e crese que fosse dupla a pessoa, assim também Êtíques julgou não haver dupla natureza sem duplicação de pessoa, mas, como não confessasse ser dupla a pessoa, julgou, conseqüente, que parecia haver uma única natureza. Nestório, portanto, percebendo retamente [400] que há dupla natureza em Cristo, confessa sacrilegamente haver duas pessoas; Êtíques, por sua vez, crendo retamente que há uma única pessoa, crê impiamente haver também uma única natureza. Convcncido pela evidência dos fatos, visto ser manifesto que uma é a natureza do homem, outra, a de Deus, Êtíques diz confessar [405] duas naturezas em Cristo, antes da união, mas apenas uma depois dela. Essa sentença não exprime claramente o que ele pretende. Para perscrutarmos, entretanto, sua demência, busquemos saber se essa união fez-se no instante da geração (131) ou no instante da ressurreição. Se se fez no instante da geração, [410] Êtíques parece julgar que já havia, antes da geração, uma carne humana, não tomada de Maria, mas preparada de algum outro modo, enquanto a Virgem Maria teria sido introduzida, aí, apenas para que dela nascesse a carne que não lhe havia sido tomada. A carne que já existia seria distinta e [415] separada da substância da divindade; porém, quando Cristo nasceu da virgem, essa carne uniu-se a Deus, a fim de que parecesse ter sido feita uma natureza una. Ora, se não é esse o pensamento de Êtíques, talvez ele queira dizer, caso a união se tenha feito na geração, duas naturezas antes da união e uma depois dela, no sentido de que [420] Cristo, certamente, teria tomado o seu corpo de Maria, mas a natureza da divindade seria diferente da natureza da humanidade, antes de assumir (132), e a natureza assumida, feita uma, ter-se-ia dissipado na substância da divindade. Se, porém, Êtíques não julga que essa união se tenha feito na geração, mas na ressurreição, [425] então se há de considerar, novamente, de dois modos (133): sendo Cristo gerado de Maria, sem assumir dela um corpo ou assumindo um corpo de sua carne, duas foram suas naturezas até quando ressurgiu, mas, depois da ressurreição, fez-se uma a sua natureza. Das duas alternativas brota esta disjunção, que interrogamos deste modo: [430] Cristo nasceu de Maria e trouxe ou não, dela, a carne humana. Se Êtíques não confessa que Cristo tenha trazido a carne humana de Maria, diga, então, de que homem teria vindo ele revestido; por acaso seria daquele que caíra na prevaricação do pecado ou seria de outro? Se foi daquele de cuja semente descendeu o homem, de quem a divindade se revestiu? [435] Pois, se aquela carne na qual Cristo nasceu não veio da semente de Abraão, de Davi e, por fim, de Maria, que Êtíques mostre de qual carne humana derivou Cristo, afinal, depois do primeiro homem, toda carne humana decorre de uma carne humana. Mas, se Êtíques falar de algum homem, do qual terá sido tomada a geração do Salvador, [440] além da Virgem Maria, ele próprio será confundido pelo erro e, então, equivocado, parecerá introduzir a marca da mentira na suprema divindade, por atribuir a outros o que nas sagradas profecias se promete a Abraão e a Davi (que, da semente de ambos, sairia a salvação para todo o mundo), sobretudo porque, [445] se a carne humana foi tomada, não o poderia ter sido senão por quem fosse engendrado a partir dela, não por outro. Se, então, o corpo humano não foi tomado por Maria, mas por algum outro, e, ainda assim, vem à luz, por Maria, aquele que foi corrompido pela prevaricação, a posição de Êtíques é refutada pelo argumento apresentado acima. [450] Mas, se Cristo não se revestiu daquele homem que suportara a morte como pena do pecado, será necessário admitir que ele não pôde nascer da semente de nenhum

homem, ele que era isento da pena do pecado original. Por isso, uma carne como essa não foi tomada de ninguém; disso decorre que ela pareça ter sido formada de maneira inusitada. Mas essa carne, pergunto eu, [455] foi vista pelos olhos dos homens, de modo que se julgasse ser um corpo humano, mesmo não o sendo (porque não estaria sujeita a nenhuma pena original), ou foi formada, para o tempo, como uma nova e verdadeira natureza humana, não sujeita à pena do pecado original? Se não foi verdadeiro corpo humano, [460] acusa-se abertamente de mentirosa a divindade, a qual teria apresentado aos homens um corpo, que, por não ser verdadeiro, enganaria, então, aqueles que o julgassem com tal. Mas, se formou uma carne nova e verdadeira, não tomada de homem algum, par que houve tão grande encenação com o Natal (134)? Onde fica o caminho tortuoso da paixão? [465] Não posso deixar de julgar como estultice aquilo que, num homem, se faz inutilmente. Por outro lado, como se há de provar a utilidade de tão grande humildade divina, se o homem que pereceu não foi salvo pela geração e paixão de Cristo, uma vez que se nega ter sido o homem assumido? Uma vez mais, assim como o erro de Êutiques [470] teve seu princípio na mesma fonte de Nestório, assim retorna para o mesmo fim, pois, também segundo Êutiques, o gênero humano não foi salvo, afinal, não foi assumido por Deus aquele que estava enfermo e necessitava de cuidado e salvação. Parece que essa é a sentença extraída por Êutiques, [475] se, de fato, foi próprio de seu erro acreditar que o corpo de Cristo não tenha sido formado verdadeiramente do homem, mas de fora do humano, aliás, no céu, dado que se crê ter ele ascendido para lá, com esse corpo, como se o mostra este texto: “não subiu ao céu a não ser aquele que de lá desceu”. (135)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMENDRA, M. A.; FIGUEIREDO, J. N. *Compêndio de gramática latina*. Porto: Editora Porto, 2003.

AUGÉ, PAUL. *Larrousse du XXe siècle*. Paris: Librairie Larousse, 1928.

BOÉCIO. *Escritos: Opuscula Sacra*. Edição e tradução de Juvenal Savi-an Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOETHII, Anicii Manlii Severini. *Contra Eutychen et Nestorium*. Disponível em:

http://individual.utoronto.ca/pking/resources/boethius/Contra_Eutychen.txt. Acesso em: 12-11-2013.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário greco-português e português-grego*. Lisboa: Apostolado da Imprensa, 1976.

SARAVAIVA, F. R. dos Santos. *Dicionário latino português*. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.

VASCONCELLOS, P. S. *Sintaxe do período subordinado latino*. São Paulo: UNIFESP, 2013.